



SUSANA SANTOS SILVA

“SER MÚSICO É PENSAR NO QUE POSSO DAR DE VOLTA AS PESSOAS”

Aos 17 foi tocar trompete para a Orquestra Jazz de Matosinhos, e 17 anos depois Susana Santos Silva continua por lá. Mas também se desdobra em duos, quintetos & etc., cá e em palcos europeus, e em 2013 lançou três álbuns. Sem esquecer a Associação Porta-Jazz. **Jorge Manuel Lopes** (texto) e **Filipe Paiva** (fotos) encontraram-se com a mais notória das poucas instrumentistas de jazz em Portugal. E tudo começou na Banda Marcial da Foz.

Quando foste para Roterdão em 2010 fazer o mestrado em Jazz Performance, não te passou pela cabeça ficar por lá?
Em Roterdão não, porque nunca cheguei a gostar muito daquilo.

A cidade não te atraiu?

Fui algumas vezes a Amesterdão, que tinha mais piada. Mas é bastante complicado entrar no circuito [de jazz na Holanda]. Os dois músicos com que toco nos Lama não são holandeses mas moram lá há anos, e eles próprios dizem que é difícil. É um circuito muito fechado.

Há mesmo muito poucas instrumentistas no jazz português, ou elas existem mas a comunicação social ignora-as?
Não há muitas, não.

Em área alguma?

Há cantoras[risos], uma ou outra pianista, e agora existe uma trombonista na Orquestra Jazz de Matosinhos[Andreia Santos]. Não consigo pensar em muitas mais.

A que se deve essa ausência de mulheres?

Não sei explicar. É normal, é mesmo assim.

Noutra entrevista dizes que, no jazz, sempre te sentiste *one of the guys*.

Porque é assim desde que comecei. Só penso nisto quando me perguntam. Entrei para a Orquestra com 17 anos e fui quase sempre a única[mulher]. Antes andei em Engenharia e também era mais ou menos assim.

Há um fosso geracional entre os músicos de jazz mais veteranos e aquela leva considerável que parece ter emergido por cá neste século?

Existiam pouquíssimos, era um meio pequenino, mas ultimamente têm surgido muitos músicos. Muitos mesmo. E isso tem a

ver, em grande parte, com a ESMAE, que foi a primeira escola do género na Península Ibérica. Se existe um fosso geracional? Um bocadinho, como em todo o lado.

Pergunta de fã: como foi trabalhar com a Carla Bley em 2010, a bordo da Orquestra Jazz de Matosinhos?

A Carla e o Steve Swallow [baixista e colaborador de longa data de Bley] são duas das pessoas mais fantásticas que conheci neste tempo todo na Orquestra. Dois seres humanos especiais, com um sentido de humor incrível, superqueridos, com uma energia muito positiva. Depois desse concerto na Casa da Música em 2010 recebi um mail do Steve Swallow a convidar-me para fazer parte da big band dela numa tournée de Verão na Europa durante três semanas. Infelizmente, a tour foi cancelada porque não conseguiram marcar concertos suficientes, mas só o convite já foi um dos pontos altos da minha vida.

O ano 2013 foi o mais produtivo de sempre para ti, não foi? Viste saírem três álbuns, fizeste bastantes concertos cá e na Europa restante, e a Associação Porta-Jazz teve uma programação abundante, tanto de concertos no Edifício AXA como de edições pelo selo Carimbo.

Tem vindo a crescer, sim. Saiu o disco dos Lama com o [Chris] Speed [saxofonista americano] como convidado; o disco em duo com o [contrabaixista sueco] Torbjörn Zetterberg lançado pela Clean Feed; e o disco dos SSS-Q [Susana em duo com o baterista Jorge Queijo], que é o meu primeiro vinil.

Tocar integrada no corpo de uma orquestra, em duo ou à frente do teu quinteto é muito diferente, não é?
São coisas completamente distintas. Na Orquestra faço parte de um todo, sou só uma

pecinha daquela engrenagem. É um tipo diferente de abordagem à música, tocar o que está escrito, e uma vez por outra tens um solo. Isso, numa orquestra, já é bom. São aqueles dois minutinhos em que fazes a tua cena e depois voltas para a estante e tocas o que está escrito. Nas formações pequenas damos muito mais de nós. É um diálogo constante e bem mais intenso.

Uma orquestra oferece protecção enquanto o trabalho em duo é uma coisa sem rede? É assim?

Às vezes sinto mais pressão a tocar em big band, a pressão de ter de fazer direitinho o que está escrito. O sentido de responsabilidade é maior do que quando faço coisas pequenas, de improvisação. Em duo ou quinteto a pressão é bem menor porque estou a fazer a minha cena e tudo é válido, não há muitas regras pré-estabelecidas. Um engano, por exemplo, pode ser algo extremamente útil, transformando a música de uma forma positiva. Numa orquestra isso raramente pode acontecer.

O rigor de fazer direitinho o que está escrito é uma coisa que trazes da música clássica, onde fizeste a tua formação?

Sim, e é algo de que ainda tento libertar-me. A procura da perfeição pode ser inibidora. Porque há coisas que, pura e simplesmente, não podem nem devem ser perfeitas.

Há combinações prévias com os outros músicos nas tuas peças de improvisação ou toda a música nasce, literalmente, naquele momento?

Pode ou não haver [combinações prévias]. Com o Jorge [Queijo], por exemplo, muitas vezes não há. Noutras situações, tal como depois de gravarmos um disco e darmos nomes às faixas, partimos de algumas características [dessas faixas]. Sabemos que há-de girar à volta daquele motivo ou daquele

som e desenvolvemos a partir daí. Outras vezes é completamente sem rede: começamos a tocar e é o que acontecer.

Os concertos da Associação Porta-Jazz no Edifício AXA chegam ao público em geral ou existem só para insiders?

Há muita gente que aparece e nem sabe o que vai ver, gosta e regressa. Temos tido surpresas grandes em relação ao público. É mesmo gratificante. Nem sei explicar. A casa está sempre cheia, especialmente porque a entrada é livre. Não sei como será quando as entradas passarem a ser pagas. (Com os apoios que temos tido conseguimos pagar aos músicos. Por pouco que seja, eles não podem tocar de graça.) Quando se toca para a comunidade de músicos, eles são muito mais críticos em termos técnicos e às tantas não conseguimos apreciar a música.

Aquela coisa de ver a árvore e não a floresta?

Sim. Ter feedback de pessoas que não estão habituadas a este tipo de música e que de repente se sentem tocadas é muito bom. Nesse momento, tudo faz sentido. Todos os dias tenho 300 mil dúvidas existenciais acerca do que faço, e esses pequenos momentos dão-me forças para continuar. A cena de ser músico, pelo menos para mim, é um bocado pensar no que é que posso dar de volta às pessoas. Porque temos uma vida de certa forma privilegiada, fazemos aquilo que gostamos (embora seja difícil, e muita gente tenha que fazer outras coisas). É uma paixão, quase que nem é trabalho.

Com que idade te decidiste pela trompete?

Não me lembro se decidi, mas comecei com sete e nunca mais parei. O meu avô tocava trompete na Banda Marcial da Foz do Douro, que foi fundada pelo meu trisavô. Ele ensinou os netos todos, e começámos a tocar na banda. Fiz o meu primeiro concerto aos oito anos no Mercado Ferreira Borges. Foi um Concerto de Ano Novo. Quase que não conseguia segurar na trompete. Depois, aos dez anos, entrei para o conservatório.

És, então, uma menina da Foz?

A família da minha mãe é da Foz, mas já lá não morava quando nasci. Devido à Banda Marcial, cresci por lá. Mas mesmo os meus avós viviam em Aldoar.

Também tocas percussão, flauta...



Eh, toca-se umas coisas. Nos sets de música improvisada às vezes acontecem umas coisas assim mais... giras.

Depreendo que tocas esses instrumentos numa base mais de autodidacta.

Sim. São coisas espontâneas.

Tocas mais alguma coisa?

A trompete já me dá uma trabalhadeira, é tão difícil... Mas gostava de começar a estudar piano mais a sério, por exemplo.

Não vai ficando mais difícil improvisar com

músicos que se conhece e com quem já se tocou muitas vezes?

Às vezes podemos cair em lugares comuns, sim. Mas ainda não sei muito bem, porque não tenho nenhum projecto com tempo suficiente para isso acontecer.

Tocas bastante no estrangeiro com músicos internacionais, o que me faz regressar ao início da entrevista: não te sentes tentada a mudar de ares?

Ah claro, muitas vezes! Porque é que ainda não me mudei? Porque, apesar das dificuldades todas e de muitas coisas não funcionarem, este é um bom sítio para viver [risos]. Mas a única razão pela qual ainda não sai daqui é a Orquestra. É um projecto realmente interessante e uma coisa contínua. Temos ensaios todas as segundas-feiras mesmo que não haja concertos agendados, e ir para fora significaria sair da Orquestra. Já pensei morar em Berlim, depois Copenhaga, recentemente Estocolmo...

O ouvinte de jazz e música improvisada ainda prefere vinil e CDs em vez de MP3?

Não sei. Os aficionados ainda gostam de ter o objecto, senão este negócio já tinha ido ao ar. Apesar de tudo, a Clean Feed continua a vender muitos discos.

Os aficionados serão suficientes para a Porta-Jazz decidir criar a editora Carimbo...

É nos concertos que as pessoas compram mais discos. Mas vão desaparecer mais tarde ou mais cedo. Se bem que o vinil está outra vez na moda.

Há como distinguir o jazz do Porto do de outros sítios?

Há quem diga que sim. Eu também acho, mas traduzir isso em palavras... [pausa] O pessoal no Porto tem bastante garra. Talvez porque seja um pouco difícil fazer coisas aqui por estarmos afastados dos grandes centros.

O PORTO EM TRÊS PAIXÕES



FILIPE PAVIA

BAIXA

“Gosto muito de sair de casa a pé e andar por aí. De me perder nas ruazinhas. É uma coisa que nem faço muito, e faço-o principalmente quando cá tenho pessoas de fora e cabe-me fazer de guia. Nessas alturas penso, ‘Bolas, porque é que não faço isto mais vezes?’ Gosto de entrar por ruas onde nunca andei ou que nem me lembrava que existiam. De repente, subir à Sé e olhar para o rio. Esse tipo de coisas ainda me deslumbra.”



FILIPE PAVIA

FOZ

“Passada a minha juventude, é um sítio aonde, na realidade, não vou muito. Ir à Foz e ver onde o rio se encontra, literalmente, com o mar. No outro dia estava cá a Kaja [Draksler, pianista eslovena com quem Susana Santos Silva toca há quatro anos; o trabalho do duo chegará em breve a disco] e fomos até lá, tomar o pequeno-almoço à Paparoca.”



LUIS FERAZ

JARDIM BOTÂNICO

“Vou lá de vez em quando. Fica à beira de minha casa e é muito bonito. É um jardimzinho escondido no meio da cidade e uma espécie de oásis de sossego. Sentas-te a ler um livro e a tomar um café.”